

UMA INTERFACE TEÓRICA SOBRE O PROCESSO IDENTITÁRIO DO SER PROFESSOR: A LITERATURA DE LÍNGUA INGLESA COMO UMA FERRAMENTA PEDAGÓGICA

Bruna Viedo Kich*

Adriana Claudia Martins Fighera**

Resumo: As transformações nas quais estamos imersos trazem nos questionamentos quanto à nossa identidade docente. Compreendemos que para a construção da formação profissional é preciso acomodar e desacomodar valores e crenças, os quais fazem parte da nossa construção como *ser*. Nesse artigo, somos guiadas pelas questionamentos: *quem somos?*; *em que contexto de ensino estamos inseridas como professoras?* e, ainda, *quem é este estudante da escola atual?*. Assim, propomos a apresentação de uma reflexão teórico-crítica acerca da inserção da Literatura em Língua Inglesa na sala de aula e discutir como essa prática corrobora para a formação de professores e alunos mais autônomos. Através dessa prática, buscamos refletir acerca da nossa formação profissional e do nosso papel social no mundo atual. Constatamos que a identidade profissional do professor é constituída por um processo lento, gradual, invisível e intransponível de reacomodação de sentidos e significados em diálogo com o outro. Entendemos que a Literatura, por sua vez, é uma importante ferramenta para compreendermos nossa constituição docente, identificação profissional e reflexão em sala de aula.

Palavras-chave: Formação docente. Processo identitário profissional. Literatura.

Introdução

As transformações, nas quais o mundo esteve inserido nas últimas décadas trouxeram à tona questões de teoria social relacionadas à identidade. Nesse sentido, estamos imersos em um contexto em que nos perguntamos: *quem somos?*; *em que contexto de ensino estamos*

* Aluna do sétimo semestre de Letras Inglês e Licenciaturas de Língua Inglesa na Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: brunavkich@gmail.com

** Doutora em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria/RS; Mestre em Letras/Estudos Linguístico na Universidade Católica de Pelotas/RS, Especialista em Língua Portuguesa e Literatura e também Graduada em Letras, Português, Inglês e Literaturas no Centro Universitário Franciscano/RS. Professora Substituta no Departamento de Metodologia de Ensino da Universidade Federal de Santa Maria/RS. E-mail: teacheradrianacm@hotmail.com

inseridas como professoras? e, também, *quem é este estudante da escola atual?* As novas tecnologias esbarram em nós a todo momento e pilhas de teoria são colocadas em nosso caminho para corroborar na nossa formação profissional.

Somos professoras e temos atribuições acerca do que entendemos ser o bem mais precioso e inegável da constituição do ser humano, *a educação*. Trabalhamos com preceitos teóricos e disciplinares, com formação moral e ética; mas, além de tudo, trabalhamos e somos transformadas pelos nossos estudantes no dia a dia. Na sala de aula de Língua Inglesa (doravante L.I) e de Literatura da LI, por exemplo, questões culturais e de identidade apresentam-se a cada momento, em um processo de construção e desconstrução, acomodação e desacomodação das nossas práticas, estratégias para irmos nos constituindo no *ser docente*. Nesse sentido, destacamos os processos listados por Freire, os quais situam-nos no tempo e no espaço, ocupados por nós, socialmente:

Refletir, avaliar, programar, investigar, transformar são especificidades dos seres humanos e com o mundo. A vida torna-se existência e o suporte, mundo, quando a consciência do mundo, que implica a consciência de mim, ao emergir já que se acha em dialética com o mundo (FREIRE, 1995, p.21).

Desse modo, considerando o ensino de L.I e dessa Literatura no contexto educacional brasileiro, a concepção sociológica de identidade (professor e educando), vemos a importância da inserção de textos literários ¹ na formação de um educando que irá sobrepor a lacuna do conhecimento e a habilidade em usá-lo para comunicação. Mas, além disso, o estudante buscará compreender a si mesmo e ao mundo ao refletir sobre a língua utilizada na arte em representação literária. Através desses preceitos, propomos uma discussão teórica acerca do uso de literatura de Língua Inglesa em sala de aula de LI como proposta pedagógica que está implicada na ação de professores e educandos autônomos e, nesse sentido, buscamos uma interface com o processo formativo de professores de LI.

1 O próprio e o alheio na composição identitária do professor em sala de aula de LI

Tomamos emprestado um fragmento do poema Retrato de Cecília Meirelles, quando a autora escreve “eu não dei por esta mudança. Tão simples, tão certa, tão fácil:- Em que

¹ Entendemos que a discussão acerca do que é considerado Literatura é uma discussão profunda e em contínua formação. Na escrita desse trabalho consideremos pelos termos “Arte de compor ou escrever trabalhos artísticos em prosa ou em verso.” (FERREIRA, 1999, p.1225) e “Arte de compor obras literárias” (FERNANDES, 1969, p.670).

espelho ficou perdida a minha face?” (MEIRELES, 1982, p.20)E, assim, propomo-nos a pensar acerca das transformações que abarcam o mundo e que constituem o processo de autoformação docente.

Estamos imersos em uma quebra de paradigmas que nas últimas décadas eram tomados como certos. Questões como gênero, orientação sexual, cultura de classes, etnias e raças têm causado mudanças estruturais na sociedade. Enquanto antes, a nossa localização social era sólida e certa, na atualidade ela não é nada unificada.

O processo de *ser* um professor coloca-nos em reflexão sobre como nos compomos em um educador neste lugar que é a escola, o que nos é próprio e o que é do Outro que está em nós na docência e o modo como valorizamos a Língua e a Literatura, ferramentas do nosso trabalho. O fato de nos tornarmos professores e de trazermos conosco uma ou outra *ação* pedagógica é determinada por características que estão atreladas à constituição deste *ser* docente que agora somos, portanto da pessoa e do profissional que fomos elaborando na trajetória de nossas vidas.

Assim, ao discutirmos a relevância do processo formativo professores de LI em diálogo com a proposta pedagógica que traz a Literatura de Língua Inglesa para a sala de aula, fomos nos questionando acerca de como acontece essa formação: quais implicações subjazem à proposta pedagógica do professores de LI, em especial na interface com essa Literatura.? Consideramos que a “identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto, [...] é um lugar de lutas e conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão” (NÓVOA, 1995, p.16).

Nesta perspectiva de nossa compreensão, também apreendemos que a identidade de *ser* se dá “a partir de uma construção *de si* que se faz em um movimento de alteridade, um processo construído no diálogo com o Outro e por meio da palavra” (FIGHERA, 2014, p. 105). Logo, nossa identidade está em constituição a partir das nossas vivências, expectativas e sentidos embricados no nosso processo formativo.

Naturalmente essas mudanças que ocorreram e ocorrem diariamente, às vezes nos passam despercebidas como quando estamos em viagem em um carro em movimento e não percebemos o quão rápido flui o trânsito, nos causem algumas dúvidas e desconfortos em relação a como cumprir de maneira eficaz o nosso papel social de educadores. Freire (1995) avista a forma fugaz como os acontecimentos têm marcado as últimas décadas da história da humanidade, devido ao curto prazo em que somos submetidos a transformações: “em certas

áreas da ciência e da tecnologia atual alguns meses são suficientes para envelhecer um procedimento” (FREIRE, 1995, p.21).

Essas são questões que naturalmente causam transformações no nosso aparelho ideológico e na organização de instituições, bem como no papel que os sujeitos cumprem nesses lugares. Este é o caso da emergência da família burguesa, que trouxe à sociedade a transformação do papel da criança e do jovem. Esses, antes imersos na realidade adulta, isolaram-se e por consequência, a escola teve seu papel alterado, estabelecendo-se um vínculo entre eles e o mundo (ZILBERMAN & MAGALHÃES, 1982).

Entretanto, é preciso estar atento ao principal agente dessas modificações: o ser humano. Todos nós passamos e estamos passando por mudanças, que devem ser reconhecidas por nós para a melhoria do desempenho do nosso papel social, assim como aponta Freire (2008):

Os alunos devem descobrir as razões que se escondem atrás da maior parte de suas atitudes em relação a realidade cultural, e assim enfrentá-la de uma maneira nova. A *readmiração* cultural de sua anterior *admiração* é necessária para provocar essa mudança. Os educadores adquirem uma capacidade de conhecimento crítico – muito além da simples opinião ao desvelar suas relações com o mundo histórico cultural no qual e com o qual existem (FREIRE, 2008, p.103, grifo do autor).

Freire (1996) vai além e propõe que não é possível ensinar sem reconhecimento e assunção social. É necessário entender a identidade cultural daqueles que compõem o âmbito da sala de aula e da comunidade escolar:

Uma das tarefas mais importantes da prática educativa-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor e a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico e como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de conhecer-se como objeto. (FREIRE, 1996, p.43)

O processo histórico está justaposto e atrelado ao sentido que a escola deve fazer na vida do Outro: como professoras, somos responsáveis pela nossa proposta pedagógica posta em prática na sala de aula. É através dela que o estudante deve ser capaz de compreender a si mesmo e por meio de experiências práticas compreender o Alheio. O documento Lições do Rio Grande (2009) traz dois princípios básicos que orientam o ensino da área de Linguagens²: a fruição e a cidadania. O documento explica que o primeiro está vinculado ao

² Refere-se a “Linguagens Códigos e suas Tecnologias”, termo adotado para definir uma de quatro áreas do conhecimento adotadas pelo MEC em 2002.

“prazer, o entretenimento, a apreciação estética do mundo, o desenvolvimento da curiosidade intelectual e gosto pelo conhecimento” (RIO GRANDE DO SUL, 2009). Ou seja, está em total sintonia com o despertar dos sentidos e da sensibilidade. Por outro lado, enquanto o desenvolvimento da fruição está mais atrelado a experiências individuais inerentes a cada *ser*, o segundo, que se refere à cidadania tem vínculos fortes com o trabalho em comunidade:

Já a cidadania, tão discutida nos Parâmetros Curriculares Nacionais desde suas primeiras versões, deve ser entendida aqui em sua acepção mais básica de convivência: co-presença e interação entre homens livres na “cidade”. A consciência do outro, ao mesmo tempo limite, espelho e aliado, remete, de um lado, necessidade da busca de negociação de conflitos e, de outro, ao potencial de, em colaboração, superar o que seria possível a cada um realizar isoladamente. A escola é lugar privilegiado para a aprendizagem da solidariedade, para a formação do senso ético e para a participação. (RIO GRANDE DO SUL, 2009, p.37)

Entendemos que nós e o Outro estamos em constante mutação: transformamos e somos transformados pela nossa convivência em sala. Sendo assim, a escola mais que um lugar de troca de conhecimentos teóricos é a porta de entrada para o desenvolvimento de habilidades interpessoais e de autoconhecimento de estudantes e docentes. Essa tão antiga e conhecida instituição atua no processo formador, da cidadania e da formação (continuada) do *ser*. Somos o que somos porque somos o resultado do que o Outro fez com a gente, pois vivemos neste social.

2 O uso da Literatura em sala de aula como ferramenta pedagógica

O uso de Literatura como ferramenta de ensino de LI está em decadência. Na verdade, esse componente foi quase totalmente eliminado da estrutura curricular do ensino de L.I, em vista de uma interpretação reducional que concerne a Literatura como disciplina separada, que não se presta ao ensino de línguas (DALMAU; BOBKINA & MARTES, 2012).

Entretanto, estudos têm mostrado a ampla importância da inserção do texto literário em sala de aula, como a propriedade de ser um material autêntico, pois não é criado visando o uso do ensino de línguas e por isso, o aproxima mais de situações de uso real da linguagem (DALMAU; BOBKINA & MARTES, 2012). Ainda, há a forma como retrata a sociedade em suas diferentes nuances, de uma forma autêntica e variada, porém natural (HAMDOUN & HUSSAIN, 2013) e a necessidade de apresentar ao estudante de língua estrangeira a uma

variedade mais ampla de registros, estilos e gêneros que o torne mais apto a discernir a função de cada um deles (LLACH, 2007).

Mas além da aquisição da linguagem, pesquisas têm mostrado a importância da inserção do texto literário na formação de um *ser* que por meio do lúdico e da fantasia, vai agregando uma série de valores morais e socioculturais, portanto se outoformando, se constituindo. A escritora Ana Maria Machado reflete acerca da importância da Literatura, desde a mais tenra idade, na formação do *ser*:

Entendidas e aceitas em suas linguagens simbólicas, essas histórias de fadas tradicionais se revelam um precioso acervo de experiência emocionais, de contatos com vidas diferentes e da reiteração da confiança em si mesmo. No final, o pequenino se dá bem e o fraco vence. A criança pode ficar tranquila – com ela há de acontecer o mesmo. Um depois do outro, esses contos vão garantindo que o processo de amadurecimento existe, que é possível ter esperança em dias melhores e confiar no futuro (MACHADO, 2002, p.80).

Compreendemos que o papel social que os professores desempenham é auxiliar e estimular os estudantes a entenderem as percepções do contexto em que estão inseridos, bem como ser sensíveis a formação de novos conceitos acerca dessas realidades (FREIRE, 1996). E, desse modo, lado a lado com a família, esses como protagonistas na formação do humano. Situações nas quais a criança está exposta à ludicidade, essa que a auxilia na compreensão dos seus sentimentos e reações, as quais as situações reais não oportunizam (ZILBERMAN & MAGALHÃES, 1982).

A inserção do material Literário em sala de aula oferece o que Morin (2001) vai chamar de proposta da antro-po-ética. Nessa sugestão de prática é possível o desenvolvimento do conhecimento por meio da ética, da autonomia pessoal e da nossa participação no gênero humano. Não apenas visando saberes linguísticos, pois “*formar* é muito mais do que puramente *treinar* o educando no desempenho de destrezas” (FREIRE, 1996, p. 14, grifo do autor). Assim, o material literário proporciona uma grande transição entre períodos históricos, classes sociais, pontos de vista e o uso da habilidade artística expressa pela técnica:

A fruição da Literatura, por exemplo, pressupõe um leitor que exerça o direito de escolha do texto que lerá, lendo como uma experiência individual, subjetiva e mesmo afetiva, pois a leitura literária possibilita a recriação do mundo e da própria vida de cada um (RIO GRANDE DO SUL, 2009, p.37).

Só assim é possível a não identificação com o sujeito que lhe é apresentado, promovendo um distanciamento que resulta em um entendimento do Outro, do contexto que é

desconhecido. Para que possamos conhecer a nós mesmos, é preciso antes conhecer um Outro que nos desacomode, que não nos identifique e assim, principiarmos um processo de mútuo autoconhecimento e de reconhecimento. Logo, uma Outredade, “um viver um não eu absoluto” (FIGHERA, 2014, p.28), enquanto isso, incluímo-nos como autores no processo de *ser*.

Nesta perspectiva, a literatura representa uma forma de trabalharmos com um gênero literário que ressalta a subjetividade e a criação, quando as quatro habilidades da língua são estimuladas, despertando o interesse dos educandos que podem aprender com a liberdade e a consciência acerca da cultura social e do papel que todos têm no próprio processo de aprender. No universo literário, o professor poderá explorar a criatividade na escritura de textos, estimulando os estudantes à leitura e à participação em aula. Por isso, a formação deste professor é importante, pois é o olhar desse profissional sobre a realidade, considerando os desafios da docência que poderá transformar sua prática pedagógica.

3 Dialogando entre a prática autônoma do próprio e do alheio e a inserção da ferramenta literária no ensino

O uso das ferramentas culturais, tais como a literatura, está em interface com o *ser* professor, sua identidade e processo formativo. É na interação com o social que a identidade vai se construindo, em um tempo e espaço que sofrem mudanças e transformações. Uma interlocução na e pela linguagem. Fighera explica que

são valores, crenças e saberes que negociamos e comunicamos com nossos interlocutores. Na identidade docente, esses sentidos construídos na trajetória profissional e pessoal também estão se movimentando ao longo do tempo em que nos colocamos na relação deste eu que nos constitui, a identidade do Outro em nós, nosso professor, nosso estudante, nosso colega na docência (FIGHERA, 2014, p.128).

A identidade não existe em si mesma, pois o alheio está sempre constituindo o *ser* professor, transformando sua docência e as possibilidades de interação com os educandos. A autonomia docente e sua prática pedagógica estão ligadas à autonomia de estudantes na aprendizagem da LI.

Entendemos que a proposta pedagógica do professor de LI e sua abordagem literária está atrelada às atividades realizadas na própria trajetória formativa desse profissional, aos contextos culturais, sociais e políticos perpassados por ele e que atravessam sua forma de Ser.

Portanto, nosso trabalho não é apenas o ensino de uma língua estrangeira, mas um dar a oportunidade de que haja instrumentos disponíveis para que os estudantes possam adquirir novos conhecimentos, como é observado por Lajolo:

É a literatura porta de um mundo autônomo que, nascendo com ela, não se desfaz na última página do livro, no último verso do poema, na última fala da representação. Permanece ricocheteando no leitor, incorporado como vivência, erigindo-se em marco do percurso de leitura de cada um. Daí o engano de quem acha que o caráter humanizante e formador da Literatura vem da natureza ou da quantidade de informações que ela propicia ao leitor. Literatura não transmite nada. Cria. Dá existência plena ao que, sem ela, ficaria no caos do inomeado, e consequentemente, do não existente para cada um (LAJOLO, 1982, p.42).

Ao passo que oportunizamos aos educandos, possibilidades para verem o Outro que está dentro dos livros, permitimos a nós mesmos encontrarmos respostas, soluções, dúvidas e até mesmo indagações – saímos do “inexiste para o existente e nos tornamos todos autônomos. Somos surpreendidas por questões e observações – de cultura, de comportamento e de análise psicológica – que até então nos tinham passadas despercebidas. Compreendemos o outros, reacomodamos nossas crenças e então, compreendemos a nós. No livro *O conto da ilha desconhecida*, José Saramago nos propõe “...que é necessário sair da ilha para ver a ilha, que não nos vemos se não saímos de nós” (SARAMAGO, 1988, p.27). Também somos assim: é necessário estar com o outro, ouvir o outro, entender o outro, saindo de nós, para que finalmente entendamos quem nós somos.

Sendo a literatura um objeto de questionamento, torna-se essa uma ferramenta valiosa na questão central de compreender nossas identidades profissionais e responder as questões que quase que diariamente nos perguntamos e propomos na introdução do texto. Imaginemos uma sala de aula: no que pensamos? Pensamos, claramente, em classes, quadro, giz...Mas, não podemos esquecer do elemento central: o estudante. Estamos lá para os estudantes, assim como eles estão lá para nós. Sem eles, seria uma sala qualquer. E, quando compreendemos que o Outro também está lá para nós, podemos compreender melhor nossas atribuições sociais. Como posto por Fighera (2004):

Resposta de um eu para um Outro e Outros que é dialogada, dotada de valor construído nessa relação sem silêncios negados. A embarcar nessa proposta, a linguagem é entendida [...] e, eu, assim, vou compreendendo-a, na docência e na discência, logo na corresponsabilidade desses e nesses papéis. (FIGHERA, 2004, p. 29).

E então perguntamos novamente: *quem somos nós?, em que contexto de ensino estamos inseridas enquanto professoras?* e, ainda, *quem é este estudante da escola atual?*

Somos todos o Outro, e não há resposta sólida e certa. Somos um emaranhado do que nos foi feito, mas somos também as nossas vivências e cultura – o que lemos, compramos, comemos, as músicas que escutamos e as vozes que damos ouvidos à:

Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam, a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e por isso nos enriquece infinitamente. [...] Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor a sua vocação de ser humano. (TODOROV, 2009, p. 23-24)

Todavia, de uma coisa estamos certas; sem o Outro inexistimos. Ou pior – estagnamos. Ficaremos paradas em uma sala habitada por estranhos, repetindo o *bê-á-bá* decorado. Estamos cientes de que precisamos acomodar e desacomodar todo tempo nossos sentidos e significados - e que o Outro também precisa. Esse é um processo lento, gradual e invisível, mas do qual estamos todos à mercê. Nossas relações interpessoais nos valoram e nos situam no tempo e no espaço, e é a partir dela que criamos e recriamos nossas identidades. Entendemos que a Literatura também é o Outro: um outro ainda desconhecido, distante e estranho, mas que partilha conosco sentimentos, emoções, experiências. E nesse triângulo de Outros, formamos – professores, alunos e o Outro presente no texto – nossas identidades, através de reconhecimentos e estranhamentos: somos fluídos e heterogêneos, mas é o movimento autônomo das nossas identidades que permite as mudanças sociais.

Referências

FERNANDES, Francisco. **Dicionário Brasileiro Contemporâneo**. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.

FERREIRA, Aurélio Buarque de. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FIGHERA, Adriana Claudia Martins. **Ser formador e ser professor sem álibis: o processo formativo de professores de Língua Inglesa**. 2014. 260p. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, RS, 2014.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta Mangueira**. São Paulo: Editora Olho d'água, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Centauro, 2008.

LAJOLO, Marisa. O que é Literatura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

LLACH, Pilar Agustín. **Teaching Language Throught Literature: The Waste Land in the ESL Classroom.** Odisea, Rioja, p.7-17, mar. 2007.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MEIRELES, Cecília. **Viagem:** vaga música. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 2. Ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

NÓVOA, Antônio. **Vidas de Professores.** 2. ed. Porto: Editora Porto, 1995b. p. 11-25.

RIO GRANDE DO SUL (ESTADO). Referencial curricular lições do Rio Grande: linguagens códigos e suas tecnologias: língua portuguesa, literatura e língua estrangeira moderna. Porto Alegre: Secretaria de Educação, 2009. v. I. Disponível em: <http://www.educacao.rs.gov.br/dados/refer_curric_voll.pdf>. Acesso em: abr. 2015.

SARAMAGO, José. **O conto da ilha desconhecida.** São Paulo: Editora Schwarcz LTDA, 1998.

TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em Perigo.** Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

ZILBERMANN, Regina; MAGALHÃES, Lígia Cadernatori. **Literatura Infantil: autoritarismo e emancipação.** São Paulo: Ática, 1982.